

A FOLHA

Publicação Litúrgica - sem fins lucrativos da Mitra Diocesana de Nova Iguaçu.

NA CATEDRAL DINAMITADA, O MAIS BELO PRESÉPIO DO MUNDO

No dia 20, foi a explosão da bomba. Três dias depois, foi a noite de Natal e, em nossa catedral explodida, estava armado, na noite santa, o presépio mais belo do mundo: no meio das ruínas do altar bombardeado, por entre os metais retorcidos do sacrário dinamitado e das âmbulas espedaçadas, as figuras tradicionais do Natal: Nossa Senhora de mãos postas, São José ajoelhado e o Menino Jesus deitado em sua manjedoura de gesso: os três, no meio das ruínas, fazendo a ligação da fé de nossa infância com a fé adulta que desafia os poderes deste mundo. Na missa de Natal, Dom Adriano falou assim a seu povo:

... "É aqui, em nossa Baixada Fluminense, nesta Baixada tão violentada, tão humilhada, tão marcada pelo Maligno, que nós somos encarregados por Deus de construir a sua família. É a partir deste sentimento profundo de família que fazemos nossa Pastoral: o esforço de Igreja, alimentada pela Palavra de Deus, alimentada pela Eucaristia, fortificada na esperança pelos sacramentos, pela oração, pela doutrina dos apóstolos, pela comunidade, para eliminar ou atenuar as tremendas injustiças que arrasam toda a fraternidade, que bloqueiam o plano de amor do Pai, que deformam a face de nossos irmãos.

Quando nos engajamos no esforço de conscientização do Povo; quando assumimos o sofrimento dos irmãos que são despejados de suas moradas ou de suas lavouras; quando lutamos pelos direitos humanos e por condições de vida mais humanas e mais dignas — o bispo, os padres, as religiosas, os leigos engajados e comprometidos, nossas instituições, nossos grupos, nossos movimentos, nossas iniciativas — não estamos agindo sob o

influxo de quaisquer ideologias, de quaisquer ambições, de quaisquer interesses materiais.

A caridade do Pai, o amor de Jesus Cristo, a força do Espírito Santo, os sofrimentos de nossos irmãos menores, mais pobres, mais fracos, mais oprimidos — eis o que nos força a assumir o peso do dia e a enfrentar, com esperança e otimismo, as devastações do Maligno. Na força da esperança que Jesus Cristo nos deu por seu Natal e nos confirmou definitivamente por sua vida, paixão, morte e ressurreição, acreditamos que, com os meios do Amor e da Justiça, da Verdade e da Fraternidade, atenuaremos a ação do Maligno e construiremos a Paz em nossa Baixada. Eles nos ameaçam com a violência, nós respondemos com o amor fraterno. Eles atiram bombas destruidoras, nós respondemos com nossa oração. Eles querem destruir com o ódio, nós queremos construir com o amor.

É por isso que, na celebração da Santa Missa, nesta igreja, onde o Maligno profanou o Corpo de Jesus Cristo e assim a Igreja, nós dirigimos a todos, sem exceção, também aos profanadores, também aos perseguidores e terroristas, também aos que perseguem e caluniam, também aos que se omitem e acovardam, também aos que falseiam a sua vocação cristã e se incorporam aos exploradores dos irmãos menores, de modo particular a todos que, na força do Espírito, se doam ao serviço dos oprimidos e dos marginalizados, dos injustiçados e explorados, a todos, sem exceção, dirigimos nossa mensagem de amor e de reconciliação, de paz e de fraternidade: feliz Natal. Cristo nasça em nossos corações!"

DO REINO E SUA JUSTIÇA

JOÃO PAULO II E A CRIANÇA

- Vale a pena escutar o que o Papa disse ao Corpo Diplomático, em Roma, na manhã de 14 de janeiro p.p., sobre a Criança. Escute, leitor distinto.
- "Os meus votos (diz o Santo Padre) dirigem-se a categorias de pessoas que são objeto de uma atenção particular a nível internacional. Oxalá, em particular, as crianças dos diferentes países continuem a beneficiar da solicitude que lhes procurou o Ano da Criança".
- "Em numerosos países, sofrem já tragicamente estas crianças a fome; e com elas sofre grande número de adultos. Que irá acontecer com as gerações de amanhã? Atualmente a situação alimentar mundial apresenta-se muito grave".

- "Mas os planos gerais, que deveriam atenuar a carência presente e a futura, encontram-se comprometidos por muitos obstáculos, que dependem menos das possibilidades da natureza do que da culpa dos homens mesmos: do descuido a que votam este problema, da falta de solidariedade e do mau emprego dos recursos existentes".
- "Todavia este problema deveria mobilizar os homens e fazer convergir os esforços de todos. Em vez disto, que ingentes somas se consagram a multiplicar os armamentos e engenhos de morte! Quantas incoerências nas permutas comerciais. Quantas energias desperdiçadas em lutas ideológicas, em políticas de prestígio e de poder!"

IMAGEM DA NATURAL DIGNIDADE

1. Puxando pela mão o garotinho de 6 anos, ela entra e pede licença para sentar-se. O senhor me desculpe, senhor bispo. Sente aí, Zé Luís, e venha primeiro tomar a bênção do senhor bispo. Zé Luís, de olhos límpidos e de carinha magra, toma a bênção, meio encabulado, e volta para o sofá. Ela diz que se chama Vilma, sim, senhor, Vilma dos Santos Pereira. Meu marido se chama... Severino? pergunto eu, descobrindo Nordeste na cara, na língua, no jeito, na rude franqueza. Ela ri e diz que desta vez não deu certo não...

2. ... o nome dele é Itler. Pois é, senhor bispo, Itler tá desempregado e a situação lá em casa tá difícil. Quer que eu lhe diga uma coisa? Hoje a gente ainda não comeu nada, somente à menorzinha é que a gente deu um leitinho pra ela. Aí o dinheiro acabou. E na fome — são 5 horas da tarde — de um dia, não se quebra em nada a nobreza de língua, de gesto, de narração que ilumina o rosto magro, sulcado de rugas... A senhora já fez 30? Diz que tem vinte e dois. Itler tem 28, que os meninos são três...

3. ... que se casou com catorze anos... o senhor sabe que lá no Nordeste a gente se casa mais cedo... que é muito feliz com Itler... que mora numa casa... E ri, para dizer que nem casa é, é um quarto metade deste, que a gente alugou por oitocentos cruzeiros. E agora o dono diz que bota a gente pra rua, por causa do atraso... Fala calma e tranqüila. Não pede nada. Somente um emprego pra Itler. O senhor arranja? Que o marido é pedreiro e bom, não é por ser meu marido não. É um pedreiro e tanto. Sinto apertar o coração. Sim, amanhã ele pode começar... (A. H.).

3º DOMINGO DA PÁSCOA (20-04-80)

C = Comentador; L = Leitor; P = Povo; S = Sacerdote.

Cantos: Missa da Páscoa, 2-B. Série A CAMINHO DO PAI, Ed. Paulinas.

RITO INICIAL

1 CANTO DE ENTRADA



**Cristo ressuscitou, aleluia! /
Venceu a morte com amor! /
Aleluia!**

1. Tendo vencido a morte o Senhor ficará para sempre entre nós / para manter viva a chama do amor que reside em cada cristão a caminho do Pai.
2. Tendo vencido a morte o Senhor nos abriu um horizonte feliz / pois nosso peregrinar pela face do mundo terá seu final na morada do Pai.

2 SAUDAÇÃO

S. Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. P. Amém.

S. Irmãos, graça e paz a vocês, da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo, que se entregou por nossos pecados, a fim de nos livrar da presente era de maldade, segundo a vontade de Deus nosso Pai.

P. Bendito seja Deus que nos reuniu no amor de Cristo.

3 SENTIDO DA MISSA

C. Os mistérios que estão além da compreensão estão igualmente fora da responsabilidade, não são problema para a gente resolver. Mas está dentro da nossa responsabilidade entender a Páscoa como o homem saindo da morte e tomando posse da vida; superando o que lhe causa a morte e conquistando o que lhe garante a vida; lutando contra as consequências do pecado que levam à miséria, à fome, à marginalização, à indignidade, à doença e à morte; e lutando para que os espoliadores sejam forçados a não impedir o nascimento de condições exigidas pela dignidade humana. As águas batismais da dignidade humana, da justiça fraterna e do amor formam o grande rio da Páscoa, que passa a história e nasce naquela manhã em que Deus ressuscita seu Filho dentre os mortos.

4 ATO PENITENCIAL

S. (Exortação ao arrependimento, de acordo com o sentido da missa. Pausa para revisão de vida). — Senhor, que viestes salvar os corações arrependidos, tende piedade de nós.

P. Senhor, tende piedade de nós.

S. Cristo, que viestes chamar os pecadores, tende piedade de nós.

P. Cristo, tende piedade de nós.

S. Senhor, que intercedeis por nós junto ao Pai, tende piedade de nós.

P. Senhor, tende piedade de nós.

S. Deus todo-poderoso tenha compaixão de nós, perdoe os nossos pecados e nos conduza à vida eterna. P. Amém.

5 GLÓRIA

S. Glória a Deus nas alturas,
P. e paz na terra aos homens por ele amados.

S. Senhor Deus, Rei dos céus, Deus Pai todo-poderoso,

P. nós vos louvamos, nós vos bendizemos,

S. nós vos adoramos, nós vos glorificamos,

P. nós vos damos graças por vossa imensa glória.

S. Senhor Jesus Cristo, Filho unigênito, P. Senhor Deus, Cordeiro de Deus, Filho de Deus Pai.

S. Vós que tirais o pecado do mundo, tende piedade de nós.

P. Vós que tirais o pecado do mundo, acolhei a nossa súplica.

S. Vós que estais à direita do Pai, tende piedade de nós.

P. Só vós sois o Santo.

S. Só vós o Senhor.

P. Só vós o Altíssimo, Jesus Cristo, com o Espírito Santo, na glória de Deus Pai. Amém.

6 COLETA

S. Oremos: Ó Deus, vosso povo exulta por causa da renovação espiritual que recebeu na Páscoa. Pela ressurreição de Jesus Cristo, recuperamos com alegria a condição de filhos de Deus, por isso esperamos também, com toda confiança, o dia da nossa ressurreição. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo. P. Amém.

LITURGIA DA PALAVRA

7 PRIMEIRA LEITURA



C. A 1ª leitura é tirada dos Atos dos Apóstolos (5,27b-32. 40b-41). Em nosso mundo onde o medo está presente em toda parte, gerando covardia, é confortador o exemplo dos apóstolos, que preferiram obedecer a Deus do que aos homens.

L. Leitura do Livro dos Atos dos Apóstolos: «O chefe dos sacerdotes interrogou os apóstolos e declarou: 'Nós proibimos rigorosamente vocês de ensinar nesse nome e eis que vocês espalharam por toda Jerusalém sua doutrina e ainda querem fazer-nos culpados do sangue deste homem'. Pedro e os apóstolos responderam: 'Temos de obedecer mais a Deus do que aos homens. O Deus de nossos pais ressuscitou Jesus, a quem vocês mataram, pregando no madeiro. Deus o colocou no céu à sua direita, fazendo-o Chefe e Salvador, para dar a Israel a conversão e o perdão dos pecados. Disso nós somos testemunhas e também é testemunha o Espírito Santo que Deus dá aos que lhe obedecem'. Então eles chamaram os apóstolos e, depois de açoitá-los, proibiram falar no nome de Jesus; depois os soltaram. Eles saíram do tribunal, muito felizes de haverem sido considerados dignos de sofrer pelo nome de Jesus». — Palavra do Senhor. P. Graças a Deus.

8 SALMO DE MEDITAÇÃO

P. Eu te exalto, ó Senhor meu Deus, / porque me libertaste e me salvaste.

1. Eu te exalto, Senhor, que me livraste / e não deixastes rir de mim meu inimigo / do abismo livraste minha

alma / e me salvaste dentre aqueles que descem ao sepulcro.

2. Cantem salmos ao Senhor os seus fiéis / louvem todos o seu santo nome / dura um momento sua ira e a vida todo seu amor. / Se à tarde vem o pranto, a alegria volta logo de manhã.

3. Ouve-me, Senhor, tem piedade / se tu, meu Deus, o meu amparo. / E meu pranto em alegria transformaste / Senhor meu Deus, louvar-te-ei eternamente.

9 SEGUNDA LEITURA

C. A 2ª leitura é tirada do Apocalipse de João (5,11-14). O sofrimento e morte do Cristo inocente, junto com sua ressurreição, são a única explicação satisfatória para nossos sofrimentos e para a nossa morte.

L. Leitura do Livro do Apocalipse de São João Apóstolo: «Eu, João, continuei olhando: ouvia-se o clamor de uma multidão de anjos, reunidos ao redor do trono, dos Viventes e dos Anciãos. Contavam-se por milhares e milhões, que cantavam de plena voz: 'Digno é o Cordeiro que foi imolado de receber o poder e a riqueza, a sabedoria e a força, a honra, a glória e o louvor'. Então ouvi a voz de toda a criação, o céu, a terra, o mar e o lugar dos mortos. Todos os seres que estão no universo clamavam: 'Ao que está sentado no trono e ao Cordeiro, louvor, honra, glória e poder pelos séculos dos séculos'. Os quatro Viventes diziam amém, enquanto os Anciãos se prostravam e adoravam». — Palavra do Senhor. P. Graças a Deus.

10 CANTO DE ACLAMAÇÃO



Aleluia, aleluia, aleluia!

1. O Cristo nossa Páscoa foi imolado / celebremos pois a festa com alegria.

2. Demos graças ao Senhor, pois ele é bom / porque eterno é seu amor.

11 TERCEIRA LEITURA

C. A 3ª leitura é tirada do Evangelho de João (21,1-14). O relato tem a clara intenção de mostrar que quem apareceu não era um fantasma ou um espírito, mas o Cristo ressuscitado em seu corpo e em sua alma.

S. O Senhor esteja convosco.

P. Ele está no meio de nós.

S. Evangelho de Jesus Cristo segundo João.

P. Glória a vós, Senhor.

S. Jesus tornou a fazer-se presente aos seus discípulos nas margens do lago de Tiberíades. Sucedeu assim: estavam reunidos Simão Pedro, Tomé o Dídimo, Natanael de Caná da Galiléia, os filhos de Zebedeu e outros dois discípulos. Simão Pedro lhes disse: 'Vou pescar'. Eles responderam: 'Nós vamos também contigo'. Partiram e

subiram numa barca. Mas nessa noite não pescaram nada. Ao amanhecer, Jesus se apresentou na margem. Mas os discípulos não deram conta que era ele. Jesus lhes disse: 'Moços, vocês têm alguma coisa de comer?' Eles responderam: 'Nada'. Então Jesus lhes disse: 'Joguem a rede no lado direito e encontrarão peixe'. Eles jogaram a rede e já não podiam arrastá-la, tão grande era a quantidade de peixes. O discípulo amigo de Jesus disse a Simão Pedro: 'É o Senhor!' Quando Pedro escutou que era o Senhor, vestiu a roupa — pois estava nu — e caiu na água. Os outros discípulos chegaram com a barca, arrastando a rede cheia de peixes; eles estavam a uns cem metros da praia. Ao chegar em terra, encontraram brasas ace-sas com um peixe em cima e pão. Jesus lhes disse: 'Tragam uns peixes dos que vocês acabam de pescar'. Simão Pedro subiu à barca e tirou a rede cheia de cento e cinquenta e três peixes grandes. E a rede não se rompeu. Jesus lhes disse: 'Venham comer'. E ninguém dos discípulos se atrevia a fazer-lhe a pergunta: 'Quem é você?' porque sabiam que era o Senhor. Jesus se aproximou deles, tomou o pão e o repartiu. O mesmo fez com os peixes. Esta foi a terceira vez que ele se mostrou aos seus discípulos, após ter ressuscitado de entre os mortos». — Palavra da salvação.

12 PREGAÇÃO

(No fim, momentos de reflexão pessoal).

13 PROFISSÃO DE FÉ

S. Creio em um só Deus, Pai todo-poderoso,
P. criador do céu e da terra / de todas as coisas visíveis e invisíveis.
/ Creio em um só Senhor Jesus Cristo / Filho unigênito de Deus / nascido do Pai antes de todos os séculos: / Deus de Deus / luz da luz / Deus verdadeiro de Deus verdadeiro / gerado, não criado / consubstancial ao Pai. / Por ele todas as coisas foram feitas. / E por nós homens e para a nossa salvação, desceu dos céus / e se encarnou pelo Espírito Santo / no seio da Virgem Maria / e se fez homem. / Também por nós foi crucificado sob Pôncio Pilatos / padeceu e foi sepultado. / Ressuscitou ao terceiro dia conforme as Escrituras / e subiu aos céus / onde está sentado à direita do Pai. / E de novo há de vir em sua glória / para julgar os vivos e os mortos / e o seu Reino não terá fim. / Creio no Espírito Santo / Senhor que dá a vida / e procede do Pai e do Filho; / e com o Pai e o Filho é adorado e glorificado. / Ele que falou pelos profetas. / Creio na Igreja / una, santa, católica e apostólica. / Professo um só batismo para remissão dos pecados. / E espero a ressurreição dos mortos e a vida do mundo que há de vir. Amém.

14 ORAÇÃO DOS FIEIS

S. Como Deus deu coragem aos discípulos, peçamos também por todos nós, para termos também a coragem de sermos testemunhas:

L1. Pelos nossos agentes de pastoral, para que descubram cada vez mais a imensa fonte de sentido para a vida que é colocar-se à disposição do evangelho libertador, rezemos ao Senhor.

L2. Pelas nossas comunidades, para que entendam sempre melhor que guardar a fé cristã não é alienar-se e cruzar os braços, mas lutar e morrer como Cristo, para que reinem a justiça e o amor, rezemos ao Senhor.

L3. Para que não entendamos a ressurreição de Cristo como fato histórico do passado, mas luta de hoje dos filhos de Deus, a fim de vencerem todas as consequências do pecado que produzem a morte, rezemos ao Senhor.

L4. Pelas intenções particulares desta santa missa..., rezemos ao Senhor.

S. Senhor Deus, o caminho de Jesus Cristo até a vitória é o mais belo exemplo de coerência na fé e bravura na defesa dos princípios; ajudai-nos não apenas a professar em palavras nossa fé e os nossos princípios cristãos, mas a vivê-los nas atitudes diante do mundo e diante dos homens. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo. P. Amém.

LITURGIA EUCARÍSTICA

15 CANTO DO OFERTÓRIO

1. Vendo Jesus aparecer / e com eles vir comer / explicando a Paixão / todos entendem que o Senhor / está vivo e por amor / os envia em missão.

Ressuscitado, o Cristo apareceu / com seus amigos fez a refeição; / e dando a paz mandou anunciar / o amor de seu Pai / em toda nação.

2. Hoje também na refeição / revivemos a Paixão / e a vitória da Cruz. / Vinho e pão sobre o altar / servirão pra anunciar: / Deus nos salva em Jesus!

16 ORAÇÃO DAS OFERTAS

S. Orai, irmãos, para que o nosso sacrifício seja aceito por Deus Pai todo-poderoso.

P. Receba o Senhor por tuas mãos este sacrifício / para a glória do seu nome / para o nosso bem e de toda a santa Igreja.

S. Acolhei, ó Deus, as oferendas da vossa Igreja em festa. Vós que sois a causa de tão grande júbilo, concedei-nos também a eterna alegria. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo. P. Amém.

17 PREFÁCIO (próprio)

18 ORAÇÃO EUCARÍSTICA

(A Oração Eucarística compete ao sacerdote somente. Após a consagração):

S. Eis o mistério da fé.

P. Anunciamos, Senhor, a vossa morte / e proclamamos a vossa ressurreição. / Vinde, Senhor Jesus!

19 CANTO DA COMUNHÃO

1. São muito felizes / os que crêem mesmo sem ver / que estais, Senhor Jesus, / sob o pão presente e vivo no meio de nós.

Eis o meu corpo / tomai e comei! / Eis o meu sangue / tomai e bebei!

2. Só tua vitória / sobre a morte fez-nos sorrir / é a alegria de saber: / o futuro de nossa vida é viver junto ao Pai.

3. Com esta certeza / de teu Reino estar entre nós / entregamos-te, Senhor, / nossa vida e trabalhar na construção da paz.

4. Juntos nesta hora / nós queremos te agradecer / pois tua vida em nossa vida / nos faz, Senhor, ser sinais de um futuro feliz.

20 AÇÃO DE GRAÇAS

S. Oremos: Ó Deus, olhai com bondade o vosso povo e concedei aos que renovastes pelos vossos sacramentos a graça de chegar um dia à glória da ressurreição dos mortos. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo. P. Amém.

RITO FINAL

21 MENSAGEM PARA A VIDA

(Após as comunicações de interesse para a comunidade):

C. Vencida a morte, nada mais precisamos guardar para nós mesmos, pois tudo está garantido pelo Pai. Não tem mais sentido o egoísmo e torna-se insensata a preparação desesperada da segurança material. Assume sentido esquecer-se de si mesmo e doar-se sem cálculos, pois Cristo ressuscitado é quem nos garante. Páscoa significa então liberdade, aceitação da liberdade, trabalho para que todos sejam livres, pois não temos mais nada a esconder ou garantir. Páscoa é então pluralismo, aceitação alegre das diferenças, luta consciente para que todos sejam o que eles são; e não o que queremos que eles fossem. O medo, o pavor, a luta contra as diferenças, a imposição da uniformidade são próprios dos que ainda estão na morte. Diante deles, os discípulos são chamados. E a luta pela justiça fraterna é chamada de subversão. Páscoa ensina que os discípulos, em vez de se apavorarem, venderem a alma e desfazerem seus princípios, ficaram muito felizes por sofrerem alguma coisa pelo nome de Jesus.

22 CANTO FINAL

1. Vamos, irmãos, cantar nossa alegria / pois o Senhor Jesus ressuscitou. Aleluia, aleluia, aleluia, aleluia!

2. Vamos, irmãos, viver nesta certeza / que o Senhor Jesus ressuscitou.

23 BÊNÇÃO FINAL

S. O Senhor esteja convosco.

P. Ele está no meio de nós.

S. Abençoe-vos o Deus todo-poderoso Pai e Filho e Espírito Santo. P. Amém.

S. Vamos em paz e o Senhor nos acompanhe. P. Amém.

CENTRO PRIVILEGIADO E PERIFERIA MARGINALIZADA

CNBB — Pistas para uma pastoral urbana

Projetos e serviços, dos quais dependem as condições de vida urbana, são realizados rapidamente no centro e nos bairros de classe alta, porque são mais rentáveis e seu reembolso é mais rápido e seguro. De outro lado, os projetos da periferia são executados a médio e longo prazo, ocasionando uma série de outros problemas, até que tais obras sejam entregues à população.

Reforçam-se, assim, muitas vezes, os privilégios dos mais abastados, que possuem em medida supérflua e desperdiçam o que falta totalmente aos outros. Mesmo assim, presos ao jogo da sociedade de consumo, não se satisfazem com o que têm e lutam, numa competição acirrada, para terem sempre mais. Tendem, desta maneira, a se tornarem insensíveis diante das injustiças e desigualdades.

MAS COMO É QUE ABRAÃO FALAVA COM DEUS?

De Haran, na Síria, Abraão foi descendo para o sul e chegou à Palestina, terra dos Cananeus (cf. Gn 12,6). Foi aí, naquela região estrangeira, que a luz cresceu mais um pouco, pois Abraão ouviu Deus dizer: *"Esta terra, um dia, vou entregá-la aos teus descendentes!"* (Gn 12,7). Agora já sabia qual era a terra, mas ainda faltava muita coisa. Faltava saber como e quando tomar posse. Faltava saber como garantir esses descendentes, pois Abraão não tinha filhos nem podia ter!

Era muita pergunta para uma cabeça só! Gênésio, você não tem direito de achar que a caminhada de Abraão de ontem era mais fácil do que a sua! A luz se faz é na travessia. O sol se levanta é aos poucos e nunca de uma vez! Abraão só ficou ABRAÃO muito tempo depois que começou a caminhada! No começo, ele não sabia de nada!

Esta pergunta, Gênésio, já é mais difícil de ser respondida. Quando você saiu de Minas, você disse: "Deus ajuda a gente!" Você tem toda razão de dizer isso. Mas eu pergunto: "Você falou com Deus ou Deus falou com você, para você ter esta certeza?" Outro dia, perguntei a um lavrador: "Por que você trabalha tanto na comunidade?" Ele respondeu: "Porque é isso que Deus quer de nós!" Ele também não falou com Deus. Conversando com uma freira, perguntei: "Por que você é freira? Por que você se mata aqui, neste fim de mundo, quando podia ter uma vida bem mais fácil em outro canto?" Ela respondeu: "Estou aqui, porque Deus me chamou!"

Gênésio, aqui você tem três fatos: um que é o seu próprio caso; outro de um lavrador e um que se deu com uma freira. Os três falam de Deus e dizem que Ele pede alguma coisa deles. Mas nenhum dos três encontrou-se com Deus na rua. Nenhum deles jamais viu o rosto de Deus. Mas os três acreditam que Deus está presente na vida. Eles olham a vida à luz de sua fé e, de repente, recebem uma certeza dentro de si e dizem: "Deus quer isso de nós!" (C. Mesters, *Abraão e Sara*, Ed. Vozes).

São, portanto, os males da periferia (falta de saneamento básico, condições precárias de saúde, falta de moradias devido à especulação imobiliária, escassez de trabalho e alimentação, elevada mortalidade infantil, insegurança, mendicância, criminalidade etc.) que exigem a conversão e o engajamento da cidade, para se tornar humana e digna deste nome.

A Igreja também, e em primeiro lugar, deve fazer, da opção prioritária pela "periferia", o caminho de uma ação pastoral que vise à salvação de toda a cidade. A cidade representa uma forma de humanização e de vida diferente do mundo rural, embora nem sempre as passagens e as diferenças sejam bruscas e radicais. O homem da cidade, de acordo com a diversificação de suas

atividades, passa a comunicar-se com os outros, através de múltiplas relações. Dificilmente o homem urbano pode manter aquele relacionamento de boa vizinhança, que se nota no mundo rural, onde ele trabalha, se diverte, convive, enfim, com um pequeno e sempre mesmo grupo. Na cidade, cada atividade está marcada por um tipo de relacionamento diferente e, geralmente, em bases tipicamente funcionais.

Quebra-cabeça para seu grupo: 1. Por que o pessoal da cidade percebe melhor que o do campo as injustas divisões de classes? 2. Enumere os problemas maiores da "periferia" em que você vive. 3. Por que os bairros ricos são bem atendidos e os bairros pobres vivem no abandono? 4. Por que os que mais têm são os mais insensíveis para os problemas das desigualdades e das injustiças?

MINISTÉRIO DA PALAVRA

POVO RACHADO?

A Folha: *O senhor já disse que considera os ex-agricultores que se fixam nas áreas metropolitanas um "povo rachado". Como é que explica isto?*

Dom Adriano: Penso na situação social da Baixada Fluminense, mas creio que o mesmo vale para todas as áreas metropolitanas. Em torno das grandes cidades se estabelecem milhares de irmãos nossos que deixaram a agricultura natal. Vêm do Nordeste. Vêm do Norte. Vêm de Minas Gerais. Vêm do Espírito Santo. Vêm das regiões agrícolas do Estado do Rio. São agricultores marcados pela vida agrícola. Conservadores e tradicionais. Simples e sóbrios. Honestos e moralistas. São pessoas integradas na sua comunidade original. São na sua grande maioria católicos por tradição, católicos praticantes dentro da moldura social em que nasceram e cresceram. Seu catolicismo é o catolicismo popular que aceita os sacramentos e as devoções, as novenas e as bênçãos, é um catolicismo carregado pelo ambiente e pelos fatores culturais. Com isto não exprimo um critério de valor. Na sua simplicidade ritual são autênticos e honestos. Mas fora do contexto, transplantados para áreas neutras nas quais, faltando a moldura tradicional, encontram vários tipos de proselitismo, declarado ou subjacente, como se comportarão? Posso voltar a este ponto. Aqui interessa explicar por que considero estes nossos migrantes um povo rachado.

A Folha: *Depois trataremos dos aspectos pastorais do problema. Seria bom se o senhor tratasse melhor das razões por que considera os migrantes como um povo dividido ou rachado.*

Dom Adriano: A mentalidade do homem do campo é tradicional, conservadora, organizada, tranqüila. O ritmo da natureza, o processo natural da agricultura com sua dinâmica regular, com a colaboração da mãe-terra, do sol, da chuva, a vida mais estável, tudo isto dá à psique do agricultor uma nota muito particular. O agricultor é apegado

do aos seus usos e costumes, não gosta de mudar, não gosta de arriscar, ama entranhadamente os seus esquemas existenciais e sociais. Eu fui criado numa cidadezinha pacata e tranqüila de Sergipe: em São Cristóvão, hoje atingida pelo progresso, mas nos meus anos de criança símbolo do interior tradicional histórico de Sergipe e do Brasil. Cidade de pequenos agricultores. Havia uma fábrica de tecidos (depois instalaram uma segunda). Era a única indústria. Mas assim mesmo indústria pacata e tranqüila. As tradições eram cultivadas com carinho e sempre à sombra da Igreja. O mercado era o ponto de encontro profano. As igrejas tradicionais e históricas, o ponto de encontro religioso e cultural. A procissão dos Passos era (e é, pelo menos parcialmente ainda) o ponto alto da vida social de São Cristóvão. Os comerciantes ainda usavam medidas antigas: côvado, vara, braça, libra, quarta. As ruas eram iluminadas a querosene. As pessoas eram chamadas pelo nome do pai ou da mãe: Antônio de Terto, Pedro de Sinhá, Maria de Zeca. Dou este exemplo para mostrar a mentalidade do campo ou do lugar pequeno marcando as pessoas. Hoje e ontem. São estas pessoas marcadas pela agricultura, pela vida estável que em dado momento se vêem obrigadas a emigrar. Emigram. Mas levam consigo sua psique, sua maneira de ser e de ver, suas preferências e gostos, suas tendências e esperanças. Chegando à cidade grande, marcada pela vida industrial, pela cultura e pela civilização, vivendo um ritmo de vida completamente diverso, muito mais dinâmico, muito mais organizado, muito mais solicitado e disperso, os imigrantes procuram assimilar-se mas continuam agricultores. Agricultores de alma e cidadãos de vida. Aqui está a razão de serem povo rachado, dividido no mais profundo de seu ser. Parece que são da cidade e continuam pessoas do campo. Esta divisão vai complicar tremendamente a existência, o comportamento, a fé.